

## ANÁLISE DA PRODUÇÃO TEXTUAL E REESCRITA PRODUZIDAS POR ALUNOS DE PORTUGUÊS COMO LÍNGUA ESTRANGEIRA

Arianne Morais  
Lucas Fernando Amorim<sup>1\*</sup>

**Resumo:** Este trabalho tem como objetivo analisar a produção e a reescrita de textos do gênero artigo de opinião, feita por dois alunos estrangeiros (um da Namíbia, que tem como língua nativa o inglês; e outro do Benin, que tem como a língua nativa o francês), que fazem parte do Programa de Estudantes-Convênio de Graduação. Ambos são estudantes da disciplina de Português para estrangeiros”, situada no Núcleo de Línguas e Culturas da UFPE. O trabalho se inscreve no âmbito da Linguística Aplicada e Textual, focalizando o papel da reescrita textual e visando sinalizar possíveis contribuições ao processo de ensino-aprendizagem da escrita.

**Palavras-chave:** produção textual; reescrita; estrangeiros.

**Abstract:** This work aims to analyze the production and rewriting of gender texts article of opinion, by two foreign students (one of Namibia, whose native language is English; and another of Benin, whose native language is French), which are part of the Student-Agreement Graduate Program. Both are students of the Portuguese for foreigners class, located in Languages and Cultures Center of UFPE. The work falls under the Applied and Textual Linguistics, focusing on the role of textual rewriting and aiming to indicate

---

1 <sup>\*</sup>Graduandos do curso de Letras em Licenciatura em Língua Portuguesa pela Universidade Federal de Pernambuco (UFPE). Trabalho apresentado à disciplina Linguística Textual, como requisito para obtenção de nota, e orientado pela Prof<sup>ª</sup> Dra. Virgínia Leal, em 2016.1.

possible contributions to the teaching of the writing and learning process.

**Keywords:** text production; rewriting, foreigners.

## 1. Introdução

O Brasil recebe anualmente estrangeiros vindos de diversos países do mundo para estudarem nas universidades públicas brasileiras. Alguns vêm conveniados com o Programa de Estudantes-Convênio de Graduação (PEC-G), que oferece oportunidades para estrangeiros oriundos de países em desenvolvimento e que mantém acordos educacionais e culturais para eles estudarem uma graduação no Brasil. Para conseguirem isso, segundo o Ministério da Educação (MEC), os candidatos precisam ter concluído o ensino médio ou equivalente, provar ao governo federal brasileiro que têm condições financeiras de viver no Brasil e comprovar que têm proficiência na língua portuguesa brasileira. Sobre esse último requisito, é necessário que eles passem no exame para o Certificado de Proficiência em Língua Portuguesa para Estrangeiros (CELPE-BRAS), uma prova que avalia o nível de conhecimento e proficiência em língua portuguesa de estrangeiros que querem trabalhar, estudar ou viver no Brasil. Para conseguirem isso, os estudantes membros do PEC-G estudam em cursos de português para estrangeiros, ministrado por algumas universidades federais, assim que chegam no Brasil.

O que mencionamos acima constitui o contexto que se insere este trabalho, cujo objetivo é analisar como dois alunos do PEC-G (estudantes da turma de Português para estrangeiros do NLC/UFPE) desenvolveram a escrita e a reescrita, na produção de um artigo de opinião, nos âmbitos da textualidade, da gramaticalidade e da adequação à norma culta do português. De acordo com Ruiz

(1998, p. 59), o processo da reescrita é o momento em que “o aluno refaz, reescreve, reelabora, reestrutura, retextualiza, enfim, revisa o próprio texto, em função de uma correção escrita feita pelo professor”. A partir dessa concepção, analisaremos as possíveis mudanças encontradas nos textos após a interferência do professor ao serem reescritos pelos alunos. Também serão analisadas as semelhanças ou diferenças entre os textos, pois os alunos estrangeiros têm línguas nativas diferentes, sendo um falante do francês (do Benin) e outro falante do inglês (da Namíbia), ambos os países do continente africano.

Será adotado aqui o conceito de escrita de Koch e Elias (2014), que entendem a escrita a partir de uma concepção dialógica e interacional; Abaurre (2012) que, fundamentada em Bakhtin, afirma que falamos e escrevemos por meio de gêneros do discurso, em que se dá qualquer interação humana através da linguagem. Koche, Pavani e Boff (2012), que concebem a reescrita como parte do processo de escrita, sendo uma prática essencial para o ensino da produção textual. Além da concepção de Fiad (2009), ao dizer que o termo *reescrita* refere-se, essencialmente, às modificações de escritas que os diversos textos passam para chegar a um texto final. Segundo a autora, o conceito de reescrita também “refere-se aos processos enunciativos mais gerais, possibilitando modificar as representações sobre a escrita e, com alguma orientação, melhorar sensivelmente as produções escritas” (FIAD, 2009, p. 09), além de considerar os distintos percursos de aprendizagem dos alunos.

## 2. A escrita e os gêneros do discurso

Todo texto, seja ele oral ou escrito, é um evento sociocomunicativo e interacional que, segundo Koch e Elias (2014), é resultado de uma coprodução entre interlocutores. Viver em um ambiente so-

cial é estar em contato com diversos gêneros discursivos diariamente, como e-mails, anúncios, notícias, entrevistas, editoriais, receitas, crônicas, panfletos, artigos de opinião e muitos outros. Segundo Abaurre (2012), todo texto oral ou escrito faz parte de um gênero e estão ligados às atividades práticas do indivíduo em situações diferentes. A escrita também é um processo de interação dialógica. Porém, esta dialogicidade constitui-se numa relação ideal em que o escritor leva em consideração a perspectiva do leitor, tendo em mente um determinado tipo de leitor, cujas reações o produtor textual prevê. Além disso, o contexto de produção e recepção não é compatível em termos de tempo nem de espaço, pois o escritor e o leitor geralmente não se encontram (co)presentes, dando tempo para o produtor do texto ter mais planejamento na elaboração da escrita.

É função do professor expor aos alunos as peculiaridades do texto escrito, como a situação de produção e as possíveis exigências do gênero nas quais está inserido o texto. Além disso, é importante que o professor aos poucos estimule a conscientização dos alunos sobre os recursos exclusivos do texto falado, que não são adequados aos textos escritos. Segundo Koch e Elias (2014), a escrita é uma atividade que pede do produtor do texto o uso de algumas estratégias, como: a) ativação de conhecimentos sobre os componentes da situação comunicativa; b) seleção, organização e desenvolvimento das ideias; c) revisão da escrita ao longo de todo o processo, guiada pelo objetivo da produção. Além disso, escrever ativa alguns conhecimentos, como o linguístico, que exige conhecimentos em ortografia, gramática e de léxico; o enciclopédico, que seria o conhecimento sobre as coisas do mundo, que se encontra armazenado em nossa mente; o de textos, conhecimento de modelos de composição dos gêneros, como conteúdo, estilo e, principalmente, função.

### 3. Artigo de Opinião

Na sala de aula, no momento que o professor escolher quais gêneros precisam ser trabalhados com os alunos, é preciso levar em consideração, de acordo com Abaurre (2012), alguns aspectos, como: (i) a motivação para a leitura e produção de textos e (ii) a necessidade de mostrar aos alunos a estrutura do gênero a ser trabalhado. No caso desta pesquisa, foram analisados textos do gênero Artigo de Opinião. Este gênero se caracteriza por analisar, questionar e, geralmente, responder a um tema controverso, polêmico ou que está em debate na sociedade. A interação com o leitor acontece por um ponto de vista sustentado por argumentos. Segundo Boff, Koche e Marinello (2009, p.4),

Esse gênero pertence à ordem do argumentar, uma vez que o sujeito enunciador assume uma posição a respeito de um assunto polêmico e a defende. De acordo com Perelman, a argumentação objetiva provocar ou aumentar a adesão do interlocutor às teses apresentadas ao seu consentimento (1988, p. 23). Assim, a interação ocorre a partir do ponto de vista sustentado pelo autor e aceito pelo leitor. Para Pereira e outros, “a argumentação busca convencer, influenciar, persuadir alguém; defende um ponto de vista sobre determinado assunto. Consiste no emprego de provas, justificativas, a fim de apoiar ou rechaçar uma opinião ou uma tese; é um raciocínio destinado a provar ou a refutar uma dada proposição (2006, p. 37).

Ao escrever um texto do gênero Artigo de Opinião, o produtor precisa utilizar de estratégias discursivas de convencimento, pois não pode se limitar apenas a suas opiniões. É preciso desenvolver uma escrita para alcançar o objetivo de compreensão, levando sempre em consideração o tipo de leitor que se quer atingir. Além disso,

vale ressaltar que o contexto de produção determina como será a estrutura do artigo, pois, geralmente, esse texto pode se encontrar em diferentes lugares, como em jornais, revistas, sites, blogs ou redes sociais (BOFF; KOCH; MARINELLO, 2009).

#### **4. Reescrita como prática pedagógica**

Um texto nunca está acabado definitivamente, pois, sempre que vamos reescrevê-lo ou relê-lo, encontra-se algo a mais para colocar, algo para retirar, algo para ser redito de outra maneira etc. Com isso, quando o professor trabalha com a reescrita, permite que seus alunos ampliem sua capacidade de escrita, indo além do que eles pensaram inicialmente ao escrever o texto, ampliando os conhecimentos linguísticos, como a textualidade, conhecimentos gramaticais, como a ortografia e conhecimentos básicos para adequação à norma culta do português. Segundo Fiad (2009, p. 3), o conceito de reescrita tem duas definições:

a primeira delas remete ao trabalho que é realizado pelo autor do texto, quando retorna sobre seu próprio escrito e realiza algumas operações com a linguagem, que fazem com que o texto se modifique em vários aspectos possíveis; a segunda interpretação implica em reconhecer que todo texto é uma reescrita, na medida em que sempre que enunciarmos algo estamos, de alguma forma, retomando o que outros já enunciaram. Nessa interpretação, o outro sempre está no discurso: escrever é sempre reescrever.

Dito isso, os textos que foram analisados dos alunos estrangeiros foram as primeiras produções e reescritos, após a interferência do professor. É importante ressaltarmos que a reescrita tem um papel importantíssimo quando se trata de aquisição da língua estran-

geira, pois aprendê-la exige prática e aperfeiçoamento dos aspectos linguísticos e gramaticais. A partir dessa concepção de reescrita, Beretta (2001, p. 16) diz que:

a reescrita talvez pudesse ser utilizada como uma forma de correção que daria aos alunos a oportunidade de reconsiderar suas hipóteses sobre determinadas regras gramaticais, através de um processo de conscientização, o que, possivelmente, resultaria no uso mais proficiente dessas regras por parte do aprendiz.

O *feedback* do professor também ajuda muito no aperfeiçoamento da escrita dos alunos, pois, ainda de acordo com Beretta (2001, p. 64), o feedback “ajuda o aprendiz a estreitar o número de possíveis hipóteses para determinada situação de uso da língua e verificar qual hipótese é adequada para aquela situação”.

## 5. Aspectos metodológicos

Este trabalho foi produzido como avaliação da disciplina Linguística Textual, ministrada pela professora Virgínia Leal, na Universidade Federal de Pernambuco (UFPE), em 2016. A proposta deste trabalho é analisar textos, do gênero Artigo de Opinião, escritos e reescritos por alunos estrangeiros de língua portuguesa, bem como compará-los para detectar possíveis semelhanças e diferenças entre eles. Os textos serão analisados em três âmbitos: a) textualidade (coesão e coerência); b) adequação à norma culta do português (ortografia, concordâncias, pontuação etc.); e c) gramaticalidade internalizada no tocante a aspectos sintático-semânticos.

Os alunos que escreveram os textos analisados faziam parte da turma PEC-G e estudaram português para estrangeiros, ministrado

pelo Núcleo de Línguas e Culturas (NLC) da UFPE. Eles precisam aprender português brasileiro para fazer o exame CELPE-BRAS, prova que avalia a proficiência de estrangeiros (interessados em trabalhar, estudar e/ou simplesmente morar no Brasil) em língua portuguesa. Os estudantes estrangeiros conveniados ao PEC-G já têm garantida uma vaga em um curso de graduação em alguma universidade pública brasileira de sua escolha, pois, em seu país, já foram aprovados em uma seleção interna. Portanto, a única etapa que falta é serem aprovados no CELPE-BRAS para poderem cursar, no ano seguinte, a graduação.

A turma do PEC-G de 2016 era composta por seis alunos, porém, para esta pesquisa, foram escolhidos apenas dois para análise. Como são dois alunos e quatro textos (dois textos iniciais e dois textos pós-reescrita e interferência do professor), serão usadas, nesta pesquisa, as seguintes nomenclaturas:

*aluno A* = o estudante vindo do Benin, na África, que tem como língua materna o francês.

*aluno B* = o estudante vindo da Namíbia, na África, que tem como língua materna o inglês.

*professor C* = professor que ministrou as aulas de português para estrangeiros e que orientou na reescrita dos textos.

*texto A1* = texto inicial produzido pelo aluno A, antes da reescrita e orientação do professor C.

*texto B1* = texto inicial produzido pelo aluno B, antes da reescrita e orientação do professor C.

*texto A2* = texto produzido pelo aluno A, pós-reescrita do texto A1 e pós-orientação do professor em sala de aula.

*texto B2* = texto produzido pelo aluno B, pós-reescrita do texto A1

e pós-orientação do professor em sala de aula.

O exame CELPE-BRAS é dividido em uma parte oral e uma escrita, esta última, que tem importância para esta pesquisa, é composta de quatro questões de produção, sendo uma sobre um vídeo, que é passado na hora da prova, e outra sobre um áudio que também é passado durante o exame. As outras duas também são produções textuais escritas, em gêneros diferentes, nas quais é dada uma situação sociocomunicativa em que o examinado terá que resolver através da escrita do gênero que foi pedido.

Durante as suas aulas, foi observado que o professor C explicou para os alunos sobre o gênero Artigo de Opinião, levando para a sala de aula diversos textos deste gênero, em domínios discursivos diferentes, como jornais, revistas e sites. Em média, foi um texto para cada domínio. Com isso, os alunos tiveram um contato inicial com o gênero, sem ainda terem a produção de textos, pois as primeiras aulas foram apenas de leitura.

Cada texto de domínios discursivos diferentes apresenta suas especificidades textuais, por exemplo, o texto do jornal era mais coloquial que o texto da revista, que, por sua vez, era mais formal que o texto do site. Isso foi interessante para que os alunos tivessem contato com as diversas formas escritas da língua portuguesa do Brasil. Após a leitura, o professor C solicitou que os alunos escrevessem artigos de opinião sobre os temas dos textos que eles leram.

De caráter qualitativo, esta pesquisa se dividiu em quatro etapas. Na primeira, foi feita a escolha da nacionalidade dos alunos que fazem parte da pesquisa, bem como seus respectivos textos; foi optado para serem de nacionalidades diferentes para poder compará-los e, por fim, ver se há alguma semelhança e diferença e observar quem conseguiu desenvolver melhor o texto. Na segunda etapa, foi feita a leitura de diversos textos dos seis alunos para poder recortar

dois para compor nosso corpus. Na terceira etapa, foi feita a leitura de antecessores teóricos para fundamentar esta pesquisa. Na última e quarta etapa, foi feita a análise do *corpus*, nos seguintes âmbitos: 1) textualidade (coesão e coerência); 2) adequação à norma culta do português (ortografia, concordância e pontuação); 3) gramaticalidade internalizada no tocante a aspectos sintático-semânticos.

## 6. Diagnóstico dos textos

Agora serão analisados textos escritos e reescritos do aluno A e do aluno B. Os textos tiveram como tema central *Drogas e suas consequências*. Então, a partir desse tema, os alunos escreveram um artigo de opinião e, após as orientações e correção do professor, os alunos produziram as suas respectivas reescritas.

### 6.1. Análise dos textos A1 e A2: produção e reescrita

A produção desenvolvida pelo aluno A1<sup>2</sup>, o qual tem a língua francesa como a sua língua materna, apresentou efetivamente noções estruturais ao gênero Artigo de Opinião. O aluno demonstrou um desenvolvimento positivo em sua textualidade (coesão e coerência), ao sempre interligar um parágrafo ao outro e organizar seus argumentos devidamente. Porém, é importante ressaltar que a língua francesa e o português brasileiro têm suas raízes em comum com o latim, essa relação pode ter influenciado positivamente o processo de aquisição da língua portuguesa. Portanto, notou-se que o desenvolvimento cognitivo demonstrado pelo aluno A, no seu processo textual em A1, mostra o quanto essas assimilações encontradas em ambas as línguas trazem influências positivas no momento da construção da sua produção textual.

O texto A1, de modo geral, cumpre sua função comunicativa ao

---

2 Ver anexo 1.

consequir produzir um texto essencialmente argumentativo, além de organizar suas opiniões de modo claro e objetivo. A partir disso, ao analisarmos o título dado pelo aluno A, “A droga ou psicotropeo ilegal”, nota-se o erro gramatical na palavra “psicotropeo”. Porém, dentro de um contexto semântico, é compreensível dizer que trata-se da palavra “psicotrópico”. Tal fenômeno afirma a gramaticalidade internalizada do aluno e que o seu conhecimento linguístico do português brasileiro faz com que permaneça o radical “psico”, reafirmando o conhecimento semântico da palavra, mesmo havendo um desvio ortográfico.

O aluno A inicia a sua produção contextualizando o tema que desencadeará por todo o texto: a droga. Entretanto, mesmo que demonstre um domínio em sua construção textual em relação a uma estrutura de um artigo de opinião, de modo geral, apresenta alguns desvios em relação à adequação da norma culta (ortografia, concordância e pontuação), como no trecho “Droga, em seu sentido original é um termo que abrange uma grande quantidade de substâncias desde o carvão vegetal à aspirina. Droga é toda e qualquer substância, natural ou sintética que, uma vez introduzida no organismo, modifica suas funções [...] As drogas naturais encontram-se geralmente em as plantas”. Vemos que não há um isolamento do termo “em seu sentido geral” por outra vírgula, além de não haver uma referência efetiva ao trazer, novamente, a palavra *droga* e o seu conceito. Nota-se, também, uma repetição de ideias ao explicar sobre o que é a *droga* e os seus respectivos conceitos. A falta de elementos coesivos faz com que o aluno A repita o uso da palavra “droga” e não estabeleça uma coesão entre as orações.

Sobre o uso das pontuações, o aluno A traz alguns desvios por não usar, efetivamente, o uso do ponto final ou da vírgula, como se pode notar na análise anterior e na ausência do ponto final logo após a palavra “funções”. Há também o uso incorreto dos termos

“*em as*”, para designar a contração das preposições *em + a*, ou seja, algo que existe *nas* plantas. Apesar das dificuldades anteriormente apontadas, a produção do A1 mantém-se coesa em relação ao conceito que Antunes (2013) aponta, pois, para ela, a coesão é uma das propriedades fundamentais para que um conjunto de palavras (no caso, o texto), apresentem um encadeamento, uma articulação, elos de ligação. Com isso, nota-se que as características presentes no texto, mesmo com as suas devidas limitações, apresentam resquícios da gramática da língua materna do aluno dentro de uma construção textual coesa. Além de estar coerente ao apresentar ideias que fundamentam suas argumentações e posicionamentos.

Em outros momentos, o aluno A não traz o uso dos acentos, como em “vários”, “as vezes”, como também há erros ortográficos, por exemplo, “dependência”, “vendado” e “passeam-se” e a ausência de vírgulas para isolar os termos explicativos. Tais desvios não comprometem a compreensão do texto pelo leitor, muito menos alteram o sentido geral do texto (o objetivo daquilo que o escritor quer passar). Sendo assim, o texto mostra-se apto a ser compreendido por um falante nativo do português brasileiro. Ao finalizar o seu texto, como se pode ver no anexo 1, o aluno traz uma construção sintática ambígua, ao dizer “tudo este quem é droga”. Mesmo que no contexto apresentado anteriormente, dê mostras que trata-se dos cuidados que deve-se ter com a droga e as suas consequências.

Ao analisarmos o texto A2<sup>3</sup>, o qual se trata da reescrita da produção A1, são perceptíveis as mudanças observadas. O aluno A conseguiu desenvolver, após a interferência do professor e a realização da reescrita, uma adequação na construção textual seguindo à norma padrão da língua portuguesa. Por exemplo, no âmbito ortográfico, no trecho do texto A1 “[...] encontram-se geralmente em nas plantas” o aluno passou a utilizar a forma adequada da

3 Ver anexo 2.

preposição na, escrevendo agora “[...] encontram-se geralmente nas plantas”. O professor C utilizou uma correção resolutiva, em que há apenas a marcação das palavras incorretas e a indicação das palavras corretas. Para além disso, o professor C também conversava individualmente com os alunos sobre as suas escritas.

Esse aluno pouco cometeu inadequações da norma culta da língua portuguesa, porém, mesmo após a reescrita, o erro em “a mais de isto” permaneceu, mas, agora, o aluno escreveu “alguém disto”. Talvez por não ter entendido a correção do professor (ver anexo 2), visto que havia momentos em que os alunos ainda não entendiam o que o professor falava.

Por outro lado, o aluno A manteve a boa coerência e coesão do texto A1, inclusive, o texto A2 continuou compreensível graças à razoável textualidade. Os erros do aluno A, em geral, predominaram nos âmbitos da ortografia e da adequação às normas cultas do português brasileiro, apesar de que, às vezes, entre um parágrafo e outro, ele não apresentava muita coerência, pois mudava de ideia inesperadamente e repetia algumas, como se não tivesse mais argumentos para defender seu ponto de vista. É importante ressaltar que o aluno A escreveu um texto estruturalmente adequado ao gênero Artigo de Opinião, mantendo ideias, argumentos e informações coerentes com seu ponto de vista.

Ao comparar as sinalizações realizadas em seu texto A1, como podem ser vistas na imagem 2, o aluno A manteve os mesmos desvios sinalizados, apenas corrigindo a palavra “vendedo” para “vendidos” em sua produção do texto A2. Há também uma alteração no final do seu texto, pois não repete o desvio cometido na sua primeira produção “tudo este quem é droga”, ao corrigir o termo para a nova sentença “tudo tipo de droga”. Porém, não corrigiu o termo tudo, pois, aparentemente, refere-se à palavra todo.

Para o aluno A, a reescrita serviu mais para lhe orientar nas questões ortográficas, de concordâncias e, poucas vezes, no aspecto sintático. Ele se saiu relativamente bem na adequação semântica das palavras e na promoção do sentido geral do texto.

## 6.2. Análises dos textos B1 e B2: produção e reescrita

A produção do texto B1<sup>4</sup>, feita pelo aluno B, que tem como língua materna o inglês, apresentou adequação ao gênero Artigo de Opinião de maneira parcial em relação à estrutura. Sua coesão e coerência também foram bastante medianas de maneira geral, mesmo que às vezes comprometendo o sentido do texto.

Como na primeira análise feita no aluno A, inicialmente trataremos de analisar o título dado pelo aluno B para a sua produção. O título “Efeitos de drogas e álcool” mostra-se adequado ao uso padrão da norma culta do português brasileiro e está bem estruturado para uma boa compreensão. Mesmo não tendo sua língua nativa derivada do latim, como o português e o francês do aluno A, o aluno B traz efetivamente um desenvolvimento cognitivo e lexical positivo em sua construção sintática construída no título.

O aluno B demonstrou não saber utilizar os verbos “ser” e “estar” de maneira adequada ao texto, pois, confundia-os em seu uso. Por exemplo, logo no início do texto ele escreve “Álcool e drogas são destruindo os vidas [...]”. Percebe-se neste trecho que ele trocou o “estar” pelo “ser”, talvez porque no inglês, sua língua materna, existe apenas uma forma que contemple estes dois conceitos. Por exemplo, a sentença *Eu sou professor* em inglês seria *I am a teacher*, no caso o termo “am” se assemelha ao verbo “ser”; já a sentença *Eu estou em Recife* em inglês seria *I am in Recife*, o termo “am” se assemelha ao verbo “estar”.

---

4 Ver anexo 3 (imagem 1).

Ele consegue desenvolver as ideias e argumentos de maneira adequada, porém comete deslizes de adequação à norma culta do português de maneira intensa e inadequações sintáticas constantemente. Por exemplo, várias vezes o aluno B não sabia o gênero das palavras, como em “[...] vidas em muitas países”, neste trecho de sentença ele considerou “países” como feminino, alterando o advérbio.

Ao longo do texto, o aluno B cometeu alguns deslizes de questões ortográficas, sendo, aparentemente, acarretadas pela sonoridade fonética das palavras. Por exemplo, na segunda linha do seu texto, há o uso da palavra “mundu” e o uso da palavra “algun”, no 4º parágrafo, sendo respectivamente as palavras “mundo” e “alguém”. Ainda no 4º parágrafo, há o uso da palavra “sistem” semelhante a palavra system, no inglês. Mesmo ao cometer tais deslizes, o aluno B demonstra um certo domínio linguístico em usar palavras que possibilitem a compreensão da sua produção textual. Afinal, para um falante nativo do português brasileiro, a compreensão textual poderia se dar de maneira parcial.

Em alguns momentos, o aluno B deixou ausente alguns termos sintáticos na construção do texto. Por exemplo, no primeiro parágrafo da produção é perceptível a ausência de termos que contribuem para a compreensão da ideia. Além de usar indevidamente as pontuações, nesse caso, a vírgula, na intercalação dos seus argumentos. É importante ressaltar que esses desvios podem ser considerados influências da sua língua materna, o inglês, pois as estruturas sintáticas que o mesmo desenvolve no artigo de opinião podem estar interligadas às estruturas sintáticas presentes no inglês.

Outro exemplo da sua irregularidade na construção sintática pode ser vista no final da sua produção. O aluno finaliza “Com todos aqueles pontos eu disse; eu acreditado que o uso the as drogas

e álcool e muito mal para todos mundo”. Este período pode desempenhar como um breve resumo do que é analisado durante todo o texto: a) a ausência de pontuações adequadas (o aluno usa o ponto e vírgula, ao invés do uso da vírgula); b) a construção sintática indevida e a falta de isolamento que ocasionam dificuldades à leitura, além da sua textualidade (ao dizer *com todos aqueles pontos eu disse*); c) há também uma autocorreção ao usar o termo inglês *the* e depois referir-se ao artigo *as*; d) a ausência do acento agudo no “e”; e) além dos desvios ao usar a palavra “mal” e “todos mundo”.

Por outro lado, mesmo com esses desvios apontados, ele demonstra conhecer palavras de um mesmo campo semântico para conceituar algo. Porém, ele usa palavras com sentidos diferentes, de acordo com os usos mais comuns, como em “drogas e álcool é muito mal para tudo mundo”, o termo “mal” está inadequado do ponto de vista semântico e de uso, pois o mais adequado seria utilizar o termo “ruim”, ficando “drogas e álcool é muito ruim para todos mundo”. Além disso, nesse mesmo trecho ele apresenta dificuldades no uso de “todo” e “tudo”, sempre os confundindo durante o texto. E o aluno B continuou a não utilizar de maneira correta o verbo “ser”. Porém, dessa vez, o deslize foi apenas de conjugação.

Ao analisarmos o texto B2<sup>5</sup>, que se trata da reescrita da produção do texto B1, é notável o quanto o papel da reescrita foi essencial para o aluno B, pois as correções geraram uma compreensão mais efetiva do funcionamento da língua portuguesa. O aluno demonstrou seguir quase todas as orientações marcadas pelo professor C, corrigindo os três âmbitos analisados pelo trabalho: 1) textualidade (coesão e coerência); 2) adequação à norma culta do português (ortografia, concordância e pontuação); 3) gramaticalidade internalizada no tocante a aspectos sintático-semânticos.

---

5 Ver anexo 3 (imagem 2).

Um dos avanços mais notáveis foi no âmbito sintático, pois, no texto B2, o aluno B conseguiu quase que totalmente adequar-se à estrutura SVO (sujeito-verbo-objeto) do português brasileiro, deixando de lado a estrutura da sua língua materna. Para exemplificar um dos seus avanços, podem-se observar os empregos corretos dos verbos “ser” e “estar” em todo o seu texto, como em “os efeitos e as consequências de drogas e álcool são muito perigosas e as pessoas precisam parar [...]”. Nesse trecho também fica claro que o aluno teve sucesso no uso da concordância verbal.

Também a estrutura textual do B2 se adequou efetivamente à estrutura de Artigo de Opinião, pois o aluno B deixou o texto mais coeso, utilizando-se de operadores argumentativos durante a escrita. Entretanto, o aluno apresentou as mesmas dificuldades encontradas nos usos indevidos de determinadas palavras para construir suas sentenças. Tais dificuldades podem ser observadas no anexo 3 (imagem 2), em seu 4º parágrafo.

Também há discrepância no final da produção B2, pois o aluno B repete alguns termos errados que foram corrigidos anteriormente na sua primeira produção e que se repetem na reescrita. Um exemplo disso é o trecho final “Com todos aqueles pontos eu disse; eu acredito que os usos das drogas e álcool são muito perigosos e ruins para o mundo”. Mostra-se, nesse trecho, desvios tanto sintáticos quanto semânticos, pois não é possível ter a devida compreensão.

### 6.3. Semelhanças e diferenças

Entre os textos A1 e B1 houve muitas diferenças em suas construções, assim como houve semelhanças. Os textos do aluno A, principalmente o A2, tiveram pouquíssimas inadequações na textualidade, assim como, de maneira geral, em sua gramaticalidade.

Talvez isso se tenha dado pela aproximação entre a língua portuguesa e francesa. Além disso, o aluno A demonstrou, em seu texto, estar mais disposto a escrever mais que o aluno B, pois, houve uma notável diferença no número de parágrafos dos textos.

O aluno B, diferentemente do A, não conseguia no texto A1 adequar-se à sintaxe do português brasileiro, pois ainda carregava marcas da estrutura do inglês, o que é compreensível para quem está aprendendo uma segunda língua, principalmente com tanta diferença entre a materna e a estrangeira. Esse mesmo aluno B também demonstrou dificuldades em aspectos ortográficos, assim como o aluno A, em graus quase que próximos. Por outro lado, o texto B2 apresentou mais avanços em relação ao texto seu original que o texto A2. Talvez, isso se deu porque o aluno A tenha cometido poucas inadequações.

A influência da língua materna foi notável nos textos iniciais, o A1 e B1, dos alunos, entretanto, não foi um fator tão decisivo na hora da reconstrução dos textos. Na escrita do aluno A, quase não houve influências da língua francesa, já no aluno B, houve uma influência mais acentuada da língua inglesa nos seus textos, principalmente quando se tratava de palavras parecidas entre as duas línguas, como “sistema” e “system”. Nesse caso, ele se confundia.

## 7. Considerações finais

Com a crescente entrada de estrangeiros vindos para o Brasil para estudarem ou trabalharem, aumenta a procura de cursos de português para estrangeiros. Com essa realidade, trabalhos como este se tornam necessários para contribuir para o ensino de português como língua estrangeira, visto que, há pouca produção acadêmica pertinente sobre o tema. Além disso, quando se trata de avaliar textos escritos por estrangeiros, há pouca base teórica para

fundamentar as pesquisas.

Com isso, o objetivo deste trabalho foi analisar as produções e as reescritas textuais produzidas por dois alunos estrangeiros (um de Benin e o outro da Namíbia, cujas línguas nativas são, respectivamente, a francesa e a inglesa). Para isso, levaram-se em consideração aspectos fundamentais para uma construção textual: a textualidade, a adequação à norma culta e a gramaticalidade internalizada de suas línguas maternas através de aspectos sintático-semânticos.

Com bases nessas análises, pode-se perceber relevantes diferenças entre as produções e como as correções realizadas pelo professor contribuíram para o processo da reescrita. A partir dessas afirmações, é interessante reafirmar a importante contribuição acadêmica realizada por esse trabalho e o seu caráter analítico às avaliações das produções e reescritas produzidas por alunos estrangeiros.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABAURRE, Maria Luiza M.; ABAURRE, Maria Bernadete M. *Um olhar objetivo para produções escritas: analisar, avaliar, comentar*. São Paulo: Moderna, 2012.

BERETTA, Juliana Maria. *A correção de erros: inimiga ou aliada?: a reescrita como estratégia de correção e de conscientização na produção escrita de aprendizes de inglês como língua estrangeira*. Porto Alegre: UFRGS, 2001. Dissertação (Mestrado interinstitucional em estudos da linguagem).

BOFF, Odete MB; KÖCHE, Vanilda S.; MARINELLO, Adiane F. Revista Virtual de Estudos da Linguagem-ReVE. *O gênero textual artigo de opinião: um meio de interação*. L, v. 7, n. 13, 2009.

FIAD, Raquel Salek. A pesquisa sobre a reescrita de textos. *Língua portuguesa: ultrapassar fronteiras, juntar culturas*. Universidade de Évora: SLG, 2009, p. 1-9.

\_\_\_\_\_; MAYRINK-SABINSON, M. L. T. Episódios de reescrita em textos infantis. *Estudos Linguísticos*, v. 38, n. 2, p. 9-18, 2009.

KÖCHE, Vanilda Salton; PAVANI, Cinara Ferreira; BOFF, Odete Maria Benetti. O processo de reescrita na disciplina de Língua Portuguesa Instrumental. *Revista Linguagem & Ensino*, v. 7, n. 2, p. 141-164, 2012.

KOCH, Ingedore Villaça; ELIAS, Vanda Maria. *Ler e escrever: estratégias de produção textual*. São Paulo: Contexto, 2014.

RUIZ, Eliana Maria Severino Donaio. *Como se corrige redação na escola*. 1998.